

ASPECTOS ANALÍTICOS SOBRE A ABORDAGEM DA PAUTA RACIAL NA RADIOAGÊNCIA NACIONAL¹

Izani Mustafá ²
Leila Sousa ³
Michelly Carvalho ⁴
Nayane de Brito ⁵

Resumo

A campanha #VidasNegrasImportam em 2021 ganhou as ruas e as redes sociais denunciando o racismo estrutural e institucional. Foi mobilizada em todo o mundo por conta da morte de George Floyd, homem negro, assassinado pela polícia de Minneapolis, Minnesota, nos Estados Unidos. O objetivo deste artigo é analisar, por meio de uma pesquisa exploratória, as produções e a abordagem da pauta racial pela Radioagência Nacional a partir da busca por cinco palavras-chave: **Negro, Racismo, George Floyd, Preconceito e Preto**. O estudo está delimitado entre 25 de maio de 2020 e 25 de maio de 2021. Constatamos a visibilidade da pauta racial nas narrativas da agência, mas consideramos que outros temas e abordagens sobre a luta e a resistência da população negra continuam invisibilizados na narrativa jornalística diária.

Palavras-chave

Pauta racial; Radioagência Nacional; Racismo.

Abstract

The campaign #BlackLivesImport has taken to the streets and networks denouncing structural and institutional racism. It was mobilized worldwide because of the death of George Floyd, a black man killed by police in Minneapolis, Minnesota, in the United States. The objective of this article is to analyze, through an exploratory research, the productions and the approach of the racial agenda by Radioagência Nacional from the search for five keywords: **Black, Racism, George Floyd, Prejudice and Black**. The study is delimited between May 25, 2020 and May 25, 2021. We found the visibility of the racial agenda in the agency's narratives, but we consider that other themes and approaches about the struggle and resistance of the black population remain invisible in the daily journalistic narrative.

Keywords

Racial agenda; Brazilian National Radio Agency; Racism.

¹ Artigo apresentado no XIII Encontro Nacional de História da Mídia, no GT de Mídia Sonora, revisado e ampliado. Elaborado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - FINEANCE CODE 001.

² Doutora em Comunicação Social pela PUCRS, é professora de Jornalismo da graduação e do PPGCOM da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz. Coordena o Grupo de Pesquisa Rádio e Política no Maranhão (RPM), listado no CNPq, e é Diretora Regional Nordeste da Associação Brasileira de História da Mídia (Alcar). E-mail: izani.mustafa@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9088752631596667>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1229-6171>

³ Doutora em Ciências da Comunicação pelo PPGCC/ Unisinos, com estágio doutoral na Universidade Autônoma de Barcelona. Professora Adjunta do curso de Jornalismo da UFMA, campus Imperatriz. Vice-coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudo, Pesquisa e Extensão em Comunicação, Gênero e Feminismos - Maria Firmina dos Reis. E-mail: sousa.leila@ufma.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9312604992263679> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2335-0858>

⁴ Doutora em Ciências da Comunicação - Sociologia da Comunicação pela Universidade do Minho / UFRJ. Professora Adjunta do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão e Coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudo, Pesquisa e Extensão em Comunicação, Gênero e Feminismos - Maria Firmina dos Reis. E-mail: michelly.carvalho@ufma.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0079215403799516> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4319-7400>

⁵ Doutoranda de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC). Membro dos seguintes grupos de pesquisas: Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (GIRAFa), Grupo de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP) e Grupo de Pesquisa Rádio e Política no Maranhão (RPM). E-mail: nayanebritojornalista@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0235778096364859> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9989-8804>

Introdução

Neste texto, temos por objetivo investigar como a pauta racial foi abordada na Radioagência Nacional, veículo de comunicação da Empresa Brasil de Comunicação - EBC, entre os anos de 2020 e 2021. Nossa análise tem como recorte temporal o período de 25 de maio de 2020 - época em que o assassinato brutal de George Floyd, nos Estados Unidos, gerou uma série de manifestações em todo o mundo - e 25 de maio de 2021 - um ano depois do início das mobilizações que tiveram grande repercussão e aderência nas redes sociais e nas ruas. Diante dessa realidade, questionamos: considerando a importância da pauta racial no contexto nacional e global, como a Radioagência Nacional aborda o tema?

A campanha #VidasNegrasImportam mobilizou uma série de manifestações no Brasil durante o mês de junho de 2020, nas redes e nas ruas. Além do caso de George Floyd, que teve repercussão mundial, a morte de duas crianças no Rio de Janeiro - Ágatha e João Pedro - e a do menino Miguel, em Pernambuco, causaram revolta e chamaram a atenção para as profundas desigualdades que separam negros e brancos no Brasil. Muito além de disparidades de classe, a raça é o elemento estrutural (CARNEIRO, 2019; 2011) que sustenta e naturaliza as desigualdades sociais, políticas e econômicas e atua como suporte para a vulnerabilidade da população negra no país. O racismo atua diretamente na divisão do trabalho (GONZALEZ, 1984) e no processo de configuração e "divisão espacial do território brasileiro" (GONZALEZ, 2020).

A invisibilização e a marginalização da população negra vêm sendo historicamente denunciadas por diversos autores e autoras (GONZALEZ, 1984; 1988; MOURA, 1994; CARNEIRO, 2019; NASCIMENTO, 1978). Os processos de apagamento são identificados em múltiplas esferas e campos, a saber: na produção intelectual (MOURA, 1994; CARNEIRO, 2005), silenciada durante séculos; na classificação e categorização de práticas e contribuições culturais africanas como "folclore" ou "cultura popular" pelos colonizadores (GONZALEZ, 1988, p. 70); e na deslegitimação das práticas de mídia alternativa, com a construção de outras formas de comunicar (MOURA, 1994), criadas pela população negra brasileira, sobretudo, entre as décadas de 1970 e 1980, como forma de construção de uma narrativa própria, em contraposição à narrativa hegemônica tradicional.

As mobilizações e o enfrentamento contra o racismo estrutural e institucional brasileiros (ALMEIDA, 2019) são históricos (NASCIMENTO, 1978; MOURA, 1994; GONZALEZ, 1988; GOMES, 2017). No entanto, muitas dessas denúncias são silenciadas e deslegitimadas por meio do "mito da democracia racial" (GONZALEZ, 1988; NASCIMENTO, 1978), responsável por esconder e silenciar as desigualdades sociais brasileiras. (CARNEIRO, 2019; 2011).

Metodologia

Para a elaboração deste artigo, debruçamo-nos inicialmente numa revisão bibliográfica a respeito das diversas vertentes do racismo e as consequências deste na vida das pessoas negras. Em seguida, apresentamos informações sobre o movimento #VidasNegrasImportam, que surgiu em 2013, nos Estados Unidos, por conta da absolvição do segurança George Zimmerman no caso da morte a tiros de Trayvon Martin, homem negro, em 26 de fevereiro de 2012, que ganhou novo fôlego em 2020, com a morte de George Floyd.

A partir dessas leituras, decidimos verificar a quantidade de publicações e como esses temas são abordados na Radioagência Nacional, órgão vinculado à Empresa Brasil de Comunicação, que produz conteúdos em áudio disponíveis na página para serem ouvidos e utilizados por quaisquer rádios do Brasil, por meio do *download*, gratuitamente.

Na sequência, realizamos uma pesquisa exploratória no site da rádio, com uma busca por cinco palavras-chave: Negro, Racismo, George Floyd, Preconceito e Preto. Lembramos que o período de análise se dá entre 25 de maio de 2020, quando George Floyd foi morto por um policial branco, e 25 de maio de 2021, quando o mundo inteiro já sabia da condenação do policial pelo crime e, mais uma vez, o movimento #VidasNegrasImportam voltou às ruas.

A partir da localização das reportagens que tratam de uma dessas palavras-chave, localizamos em quais das seis editorias mais tradicionais do jornalismo elas se encontram: Cultura, Geral, Economia, Esporte, Política e Polícia.

A sub-representação dos negros na mídia e no exercício do jornalismo

A sub-representação da população negra nos veículos de comunicação precisa ser compreendida por meio tanto da discussão sobre como determinados veículos reproduzem e naturalizam imagens e discursos de marginalização e segregação dessa população (GONZALEZ, 1984; MOREIRA, 2019), como da reflexão sobre a falta ou a pequena quantidade de profissionais negros na ocupação de espaços de destaque nos veículos de mídia (MOREIRA, 2019).

No caso do exercício do jornalismo, as disparidades raciais são identificadas no reduzido número de jornalistas negros presentes em redações brasileiras. No Brasil, por exemplo, apenas 29,9% dos jornalistas são negros (LIMA *et al.*, 2022)⁶. Os dados servem como referência para identificarmos que o jornalismo brasileiro é exercido majoritariamente por “mulheres brancas, solteiras, com até 40 anos” (LIMA, 2022, p. 7). De acordo com os dados da pesquisa, conforme a raça, jornalistas que se autodeclararam pretos e pardos represen-

tavam apenas 29,9% dos entrevistados. Em relação aos jornalistas que se autodeclararam brancos, o percentual foi de 67,8% (LIMA *et al.*, 2022, p. 9).

Em pesquisa realizada no ano de 2017, Santana e Salles (2017) analisaram 204 programas de sete emissoras do estado de São Paulo. Dos 272 apresentadores que compunham a grade da programação, apenas 3,7% eram apresentadores negros, um dado aproximado de dez apresentadores negros contra 261 brancos. Na mesma pesquisa, foi pontuado ainda o tempo médio que o jornalista negro aparece na televisão: 6 minutos e majoritariamente em programas de entretenimento (SANTANA; SALLES, 2017, online, n/p).

Os dados apresentados acima revelam que o exercício do jornalismo também é uma atividade que ajuda a aprofundar as desigualdades contra a população negra. Além de serem minoria nas redações jornalísticas, os negros aparecem menos que os brancos nos veículos de comunicação. E ao falar sobre sub-representação da população negra nos veículos de comunicação, sobretudo na televisão, precisamos destacar argumentos que são defendidos por Lélia Gonzalez (1984) e Adilson Moreira (2019), que discutem a forma como esse meio de comunicação atua na marginalização da população negra.

Gonzalez (1984, p. 228) sustenta sua análise especificamente sobre o período do carnaval, época em que a mulher negra aparece hiper-sexualizada nas escolas de samba e nas telas dos programas de televisão, “endeusada” e “exaltada”. Depois do carnaval, essa mesma mulher volta ao “cotidiano normal” de violências, de desigualdades e de exploração social e econômica, inclusive de violências operadas pelos discursos e estereótipos construídos pelos meios de comunicação.

Além da televisão, também programas de rádio e músicas são denunciados por Lélia Gonzalez (1984). Para a autora, algumas composições de grande repercussão nacional tinham em suas letras versos que depreciavam e humilhavam as mulheres negras e seus traços estéticos, a exemplo da estigmatização do cabelo crespo em diversas canções (GONZALEZ, 1984, p. 234).

Outra discussão importante sobre a forma como os meios de comunicação, sobretudo a televisão, atuam na marginalização da população negra por meio da construção de discursos depreciativos e que inferiorizam homens e mulheres negras é realizada por Moreira (2019), quando cunha o termo “racismo recreativo”. A televisão representa a população negra assim como a imprensa já fazia historicamente, isto é, usando o “humor” depreciativo (p. 100). Ao construir representações que inferiorizam a população negra, a televisão

⁶ Lima et al. (2022) coordenaram uma pesquisa, em nível nacional, com o objetivo de traçar o perfil do jornalista brasileiro.

atua não só reproduzindo, como também naturalizando estereótipos que marginalizam e segregam a população negra. Além disso, ao construir discursos que marginalizam as pessoas negras, a televisão atua diretamente na legitimação de privilégios e da posição social de pessoas brancas (MOREIRA, 2019).

Cotidianamente as narrativas midiáticas realizadas no rádio e na TV continuam atuando na construção de violências contra a população negra, sobretudo na violação de direitos humanos. Isso é o que demonstra uma recente pesquisa realizada pela ANDI - Comunicação e Direitos através do *Programa de monitoramento de violações de direitos na mídia brasileira*, que analisou 28 programas “políciaescos” em dez capitais do país (VARJÃO, 2016)⁷.

Em relação à cor e à raça, por exemplo, a pesquisa sinaliza que, de um total de “1.134 narrativas - tanto de vítimas quanto de suspeitos de operações policiais -, 385 se referiam a pessoas pretas e 749 a pessoas pardas” (VARJÃO, 2016, p. 9). Apenas 420 mencionavam pessoas brancas. As narrativas que desrespeitavam os direitos de suspeitos de infrações ou de crimes, um total de “1.068 se referiam a pretos e pardos (367 eram pretos e 701 pardos), 399 a brancos e dois a indígenas” (VARJÃO, 2016, p. 9). Quando a narrativa violava os direitos de vítimas de crimes e de infrações, “80 narrativas estavam relacionadas a pretos e pardos (21 pretos e 59 pardos) e 23 a pessoas brancas” (VARJÃO, 2016, p. 9).

Lélia Gonzalez (1988) compreende o racismo como uma categoria discursiva. Se o discurso está intimamente ligado ao poder e à posição que os sujeitos ocupam na hierarquia de poder, podemos identificar que os processos de dominação da população negra estão também, intimamente, relacionados ao “privilégio de fala” e à imposição do silêncio (KILOMBA, 2019). A imposição do silêncio é identificada, entre outros aspectos, na exclusão de vozes e do conhecimento construído por intelectuais negros e negras (MOURA, 1994; HOOKS, 1995; COLLINS, 2016) e pelas disparidades de representatividade no mercado de trabalho e em cargos de poder.

As pesquisas sobre o perfil dos jornalistas brasileiros demonstram que, nas redações jornalísticas, os profissionais negros são minoria (JORNALISTAS & CIA; PORTAL DOS JORNALISTAS; INSTITUTO CORDA/ I'MAX, 2021; LIMA *et al.*, 2022). Numa recente publicação divulgada em 2021, intitulada “Perfil Racial da Imprensa Brasileira” (JORNALISTAS&CIA; PORTAL DOS JORNALISTAS; INSTITUTO CORDA/ I'MAX, 2021), foi identificado que apenas 20,1% de jornalistas atuantes nas redações do país se autodeclararam negros (13,2% pardos e 6,9% pretos). Tomando esse dado como base fundamental, neste texto buscamos compreender de

⁷ VARJÃO, Suzana. Violações de direitos na mídia brasileira: pesquisa detecta quantidade significativa de violações de direitos e infrações a leis no campo da comunicação de massa. Brasília, DF: ANDI, 2016. 148 p.

que forma a pauta racial tem sido abordada na Radioagência Nacional. Que temas são mais abordados em relação à população negra? De que forma essa população aparece e é representada nas notícias divulgadas pelo veículo nos anos de 2020 e 2021?

Radioagência Nacional

A Radioagência Nacional é um dos braços da Agência Brasil, pertencente à Empresa Brasil de Comunicação⁸, que produz e disponibiliza programas gravados gratuitamente, utilizados principalmente por emissoras do interior do Brasil. A Radioagência Nacional cria conteúdos em áudio que são apresentados no canal com um título e uma breve descrição sobre o tema abordado. O internauta pode ouvir a reportagem na página ou consegue baixá-la para reproduzir na sua rádio ou ainda para ouvir em outro momento no computador, notebook ou celular. Além disso, ele pode compartilhá-la pelo aplicativo de *WhatsApp*, nas redes sociais como *Instagram* e *Twitter*, e também no *share on LinkedIn*. No site, a Radioagência Nacional denomina-se como

um veículo público de comunicação que, desde 11 de outubro de 2004, disponibiliza gratuitamente conteúdos radiofônicos produzidos pelas equipes da EBC e parceiros. São, em média, 80 matérias por dia e áudios gravados e acessados por mais de 4.500 emissoras de rádio, alcançando milhões de ouvintes (RADIOAGÊNCIA NACIONAL, 2021).

No entanto, na prática, quem baixa esses conteúdos e os reproduz são principalmente as rádios de pequeno porte do interior do Brasil, comerciais e comunitárias, e algumas educativas e/ou universitárias, que têm uma equipe reduzida e, por isso, não conseguem produzir reportagens de interesse público. As informações sobre medidas e ações governamentais, como das áreas da saúde, da economia e da cidadania, interessam aos cidadãos e cabe a uma agência de notícias pública divulgá-las para que o máximo de emissoras compartilhem. E mesmo que a agência seja estatal, cabe a ela difundir as notícias do governo. De acordo com Del Bianco (2021),

ela tem um papel importante na difusão porque quem disse que o que acontece no governo não deve ser divulgado? Tem que ser divulgado sim. Desde que seja com equilíbrio, com pluralidade de vozes, com formas que você possa utilizar no sentido de dar evidências à informação e não ao personalismo e à promoção (DEL BIANCO, 2021).

⁸ EBC foi criada em 2007 com o objetivo de fortalecer a comunicação pública. No entanto, desde 2018, a empresa vem sofrendo desmontes como o fim do conselho curador e passou a ser gerida por um conselho de Administração e uma diretoria Executiva. Desde então, a EBC tem sido utilizada para fins políticos.

Durante muito tempo, a Radioagência Nacional possuía um cadastro das emissoras que utilizavam o material disponível. Mas, ao adotar o padrão Creative Commons 2.5 de licenciamento de conteúdo, em 2006, a agência passou a permitir a reprodução gratuita e com identificação da fonte. Del Bianco (2021) lembra que “eram mais de 500 rádios cadastradas”. Mas, hoje, até para chegar à página da Radioagência Nacional é difícil. Primeiro, é necessário localizar o portal Agência Brasil e depois, no menu à esquerda, você tem acesso à Radioagência Nacional, onde ficam disponíveis os conteúdos em áudio para serem ouvidos ou baixados para serem reproduzidos. É importante ressaltar que Radioagência Nacional é diferente da Agência Brasil, que produz matérias em textos que são disponibilizados no site com fotos, infográficos, nome do repórter, do fotógrafo e da cidade de origem. As reportagens escritas também podem ser compartilhadas pelo aplicativo de *WhatsApp*, nas redes sociais, como *Instagram* e *Twitter*, e no *share do LinkedIn*.

A Agência Nacional (1937-1979), hoje Agência Brasil⁹, foi criada dentro do Estado Novo, com o presidente Getúlio Vargas no governo, e está entre as primeiras agências de notícias a surgir na América Latina (ABREU, 2018, p. 297). Conforme Abreu (2018, p. 101), a organização de um órgão estatal nos anos 1980, no contexto pré-digital, para produzir notícias tinha

implicações estratégicas e econômicas, poupando custos e aumentando o poder de alcance das informações que se pretendia divulgar. Não apenas as agências tornar-se-iam a voz e a vitrine de seus respectivos governos junto à mídia (e, indiretamente, à opinião pública) do resto do mundo, como ainda, domesticamente, exerceriam o controle do fluxo de informações estrangeiras para a imprensa local (ABREU, 2018, p. 101).

A criação de uma agência de notícias estatal segue iniciativas de modelos europeus e estadunidenses do século 19. A disseminação de notícias, portanto, tem interesses de um governo estabelecido, se estiver sob uma gestão estatal ou é voltada para interesses públicos quando a agência é pública e tem autonomia econômica e política. O que temos observado desde o final de 2016 é que a Radioagência Nacional tem produzido reportagens que não gerem conflitos com os interesses dos governos federais e tem, por isso, atuado como uma prestadora de serviços estatal.

⁹ Agência Brasil está disponível no link: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/>.

Análise do conteúdo da Radioagência Nacional (25/05/2020 a 25/05/2021)

O primeiro passo ao acessarmos a página da Radioagência Nacional foi fazer a busca pelas cinco palavras-chave: **Negro, Racismo, Preto, George Floyd e Preconceito**. Um ponto positivo é que o site apresenta ao leitor um breve resumo da matéria e coloca em negrito a palavra que estamos pesquisando. No segundo momento, delimitamos a investigação ao período de 25 de maio de 2020 a 25 de maio de 2021. Com essas reportagens separadas, conseguimos identificar a quantidade existente do total e o material específico, apresentando no Quadro 1¹⁰, para este artigo em que analisamos o tipo de conteúdo abordado. Outra facilidade é que cada reportagem disponível em áudio também está transcrita. Isso ajudou bastante a nossa compreensão sobre cada uma das matérias disponíveis que tratavam das palavras-chave selecionadas para este estudo.

Quadro 1 - Quantidade de Reportagens localizadas no portal

Conteúdos (Palavras-chave)	Total de Reportagens	Reportagens (25.05.2020 a 25.05.2021)
Negro	2012	48
Racismo	645	22
Preto	886	25
George Floyd	10	10
Preconceito	572	1

Fonte: dados da pesquisa.

Com o corpus delimitado a um ano, observamos cada palavra-chave em um tipo de reportagem informativa a partir de seis editorias mais comuns nas redações da imprensa: Cultura, Geral, Economia, Esporte, Política e Polícia. Nesta etapa, na editoria Geral incluímos as reportagens que abordaram assuntos envolvendo saúde, a pandemia da Covid-19, pesquisas e estudos, e efemérides. No Quadro 2 fizemos uma distribuição quantitativa para cada uma das cinco palavras-chave dentro das seis editorias.

¹⁰ Os valores inseridos no total de reportagens são referentes ao levantamento realizado entre os dias 21 e 25 de maio de 2021.

Quadro 2 - Distribuição das palavras-chave por editorias

Editorias	Cultura	Geral	Economia	Esporte	Política	Polícia	Total
Negro	7	28	2	2	-	9	48
Racismo	2	14	-	-	-	6	22
Preconceito	1	-	-	-	-	-	1
George Floyd	8	-	-	-	-	2	10
Preto	-	25	-	-	-	-	25

Fonte: as autoras.

Negro

Com a palavra-chave Negro foram localizadas 48 reportagens. Desse total, 28 estão na editoria Geral, nove em Polícia, sete em Cultura, duas em Economia e duas em Esporte. A maioria das matérias que contêm essa palavra evidenciam diversas situações de desigualdade da população negra no Brasil. Como exemplo citamos a reportagem publicada em 27 de agosto de 2020, com o título Dossiê Mulher: violência doméstica aumentou 6% em 2019. Entre os dados apresentados nesse texto está a informação de que mulheres negras são preponderantes às principais vítimas de violência doméstica. Outro estudo divulgado na Rádioagência Nacional foi apresentado na matéria de 15 de julho de 2020: Estudo diz que negros são maioria das vítimas da violência policial, mas não são destaque na mídia. A reportagem aborda reflexões quanto à invisibilidade de pessoas negras na mídia brasileira. Essa reportagem é resultado da pesquisa realizada pela Rede de Observatórios da Segurança, a qual destaca que, “Do total de mais de 12,5 mil registros analisados, apenas 50 notícias tratavam sobre racismo ou injúria racial”.

Alguns textos retratam a maior vulnerabilidade social dos negros em meio à pandemia da Covid-19. O processo histórico de acesso desigual ao poder situa a população negra em posição de maior vulnerabilidade diante da crise sanitária provocada pelo coronavírus e como mais dependente das instituições públicas, entre elas o Sistema Único de Saúde - SUS (GOMES, 2020).

Neste item, destacamos as seguintes matérias: Pesquisa sobre trabalho doméstico na pandemia revela desigualdade social entre brasileiras (30/03/2020). A pessoa negra também aparece como protagonista nas reportagens: Brasileira é a 1ª negra latino-americana a chegar ao topo do Everest (25/04/2021), Orquestra Afro-Brasileira fará apresentação virtual pelo 13 de maio (08/05/2021); Página em rede social divulga feitos históricos de pessoas

negras (25/06/2020) e Pandemia afetou mais pequenos negócios liderados por negros, revela Sebrae (11/07/2020).

Neste universo, apenas uma reportagem, publicada em 3 de junho de 2020, se referiu ao caso de George Floyd. Com o título Estados Unidos registram novos protestos pela morte de George Floyd, a matéria é descrita na abertura assim: “Os Estados Unidos registraram mais um dia de protestos pela morte do ex-segurança negro George Floyd. Os detalhes com Adriana Moysés, da Rádio França Internacional”. Portanto, a produção é da correspondente da agência e não da Radioagência Nacional. Nos dias 25 de maio de 2020, quando George Floyd foi morto pelo policial branco, bem como em 26 e 27 de maio, quando o movimento #VidasNegrasImportam chegou às ruas nos Estados Unidos e em diversos países, não foram realizadas reportagens a respeito de tais ocorrências.

Notamos também que, entre os meses de setembro de 2020 e março de 2021, não consta nenhuma matéria com a palavra Negro.

Racismo

Do total de 645 reportagens localizadas no site, apenas 22 fazem referência à palavra-chave Racismo. A temática do racismo estrutural referente aos negros é predominante no emprego desse termo nos textos publicados na Radioagência Nacional. As matérias abordam conteúdos sobre agressões a jovens negros brasileiros, a morte do menino Miguel, maior impacto da pandemia da Covid-19 entre a população negra, o racismo enquanto um fator que contribui no aumento da desigualdade entre crianças negras e ações de ativismo contra o racismo.

Entre as produções de 2021, identificamos apenas uma: Em Salvador, suspeitos das mortes de tio e sobrinho são presos, publicada em 11 de maio de 2021. Já em 2020, localizamos 21 reportagens que citam a palavra Racismo, como: Responsáveis por agressão a jovem negro em shopping do Rio de Janeiro são policiais militares (09/05/2020), Protestos por assassinato de afro-americano se multiplicam nos EUA apesar de prisão policial (30/05/2020), PMs são flagrados agredindo homem negro em cidade do DF (02/06/2020), Três décadas após chacina, mães de Acari inspiram movimentos contra o racismo e por justiça (26/07/2020), Pesquisa com universitários mostra que 83% têm dificuldade emocionais, mas poucos buscam ajuda (02/08/2020), Prefeitura de Niterói (RJ) cria canal no WhatsApp para receber denúncias de racismo (06/08/2020) e Pandemia tem impactos desiguais afetando mais a população negra, conclui Mapa Social do Corona (11/08/2020). Boa parte das matérias está inserida na editoria Geral e apenas duas em Cultura: Página em rede social divulga feitos históricos de

peessoas negras (25/06/2020) e História e cultura afro-brasileiras são tema de debate virtual na educação pública do DF (29/06/2020).

Também verificamos algumas publicações em que o racismo se refere a outros povos, como é o exemplo das quatro reportagens, publicadas de 4 a 26 de junho de 2020, com os desdobramentos da investigação contra o ministro da Educação, Abraham Weitraub, acusado de crime de racismo após postar, em uma rede social, insinuações que a China poderia se beneficiar economicamente com a pandemia da Covid-19. Em 12 de março de 2021, a agência divulgou uma operação da Polícia Federal no Rio de Janeiro sobre vídeos publicados na internet com mensagens racistas contra judeus.

Preconceito

Na busca geral pela palavra-chave Preconceito, foram encontrados 572 resultados, mas, no período delimitado, foram identificadas apenas duas reportagens, produzidas no ano de 2020, e duas em 2021 - uma delas trata de preconceito relacionado à deputada federal Flor de Lis, acusada de ter assassinado o marido, o pastor Anderson do Carmo, e a outra aborda o preconceito contra judeus.

A única reportagem que relaciona preconceito à pessoa negra é a intitulada Pesquisa aponta que 98% da população negra não se vê representada em propagandas (1º/07/2020). Ela está inserida na editoria Geral e trata sobre os impactos do empreendedorismo na economia das comunidades. A matéria também apresenta um levantamento que diz que 83% dos negros acreditam na existência do racismo nas mídias. Eles também têm consciência de que os homens negros ganham metade de um salário de um homem branco. A outra notícia, de 4 de junho de 2020, é sobre o caso do ministro Abraham Weitraub e o seu depoimento à Polícia Federal para explicar declarações consideradas racistas e preconceituosas sobre a China.

George Floyd

A palavra-chave George Floyd é citada em dez reportagens apenas no ano de 2020, dentro da nossa delimitação. Desse total, oito estão inseridas na editoria Geral e duas em Polícia. Quatro delas estão na editoria Geral e abordam acontecimentos no Brasil. Domingo é marcado por manifestações no Rio, divulgada em 8 de junho de 2020, descreve a concentração no entorno do monumento Zumbi dos Palmares como a segunda marcha #VidasNegrasImportam na capital fluminense. Também faz menção à morte de João Pedro, morto dentro de casa numa operação policial, no Complexo do Salgueiro, no Rio, em 17 de maio de

2020. A outra matéria, STF proíbe operações policiais em favelas do Rio durante a pandemia (07/06/2020), trata da decisão do STF em suspender ações policiais nas favelas, depois da polícia federal e civil do Rio terem provocado a morte de João Pedro e outros jovens em São Gonçalo (RJ). A terceira reportagem, Prefeito de São Paulo reconhece que população negra é mais afetada pelo coronavírus (03/06/2020), refere-se a um estudo feito em São Paulo indicando que uma pessoa preta tem mais risco de morrer por coronavírus do que uma pessoa branca. O estudo mostra ainda que 40% da população paulistana se autodeclararam pretas ou pardas. Outra reportagem, com data de publicação errada, Seminário vai discutir medidas contra racismo nas forças de segurança (18/11/2020) destaca a decisão do reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, José Vicente, de escolher George Floyd como homenageado durante evento “viradadaconsciencia.com.br”.

As outras quatro notícias estão relacionadas aos protestos pela morte de George Floyd nos Estados Unidos e foram produzidas pela RFI: Protestos por assassinato de afro-americano se multiplicam nos EUA apesar de prisão de policial (30/05/2020), Trump diz que pode usar Forças Armadas para conter manifestações e Quase 100 cidades americanas já registraram protestos contra a morte de George Floyd (ambas publicadas em 02/06/2020) e Estados Unidos registram novos protestos pela morte de George Floyd (03/06/2020).

Entre as dez reportagens, duas estão inseridas na editoria de Polícia. A primeira, intitulada PMs são flagrados agredindo homem negro em cidade do DF, aborda o fato ocorrido em Planaltina, no Distrito Federal (02/06/2020). A segunda, Se não tivessem gravado ia ficar por isso mesmo, diz Weliton, homem negro agredido por PMs no DF, relata um caso envolvendo dois militares agredindo um jovem negro (03/06/2020).

Preto

A palavra-chave Preto foi identificada 25 vezes em nossa pesquisa, sendo que apenas três foram produzidas em 2021. Todas estão inseridas na editoria Geral e apresentam informações sobre pesquisas como Pnad, MEC, IBGE, Rede de Observatórios, governo de São Paulo, USP, Defensoria Pública do Rio de Janeiro e Observatório das Favelas.

Nas matérias analisadas, é recorrente a relação das pessoas pretas com contextos de marginalização. Destacamos o texto de 15 de julho de 2020 - Brasil avança na universalização escolar, mas atrasos na escolaridade ainda ocorrem - cujo levantamento realizado pelo Suplemento sobre Educação da Pesquisa Nacional de Amostragem de Domicílios (Pnad), divulgado pelo IBGE, mostra elementos de que a escolarização entre os pretos e pardos é menor se comparada aos brancos.

Vale ressaltar que alguns textos encontrados apresentam as palavras negro, preto e racismo juntas, como exemplo a matéria Pandemia tem impactos desiguais afetando mais a população negra, conclui Mapa Social do Corona, divulgada em 11 de agosto de 2020. As informações contidas no texto são da sétima edição do Mapa Social do Corona lançado pela organização Observatório de Favelas, com discussões sobre racismo estrutural e Covid-19. A matéria destaca que “o racismo estrutura a sociedade e se manifesta diretamente na atenção e no acesso à saúde da maior parcela da população brasileira”. E completa que “o maior número de óbitos ocorre em bairros cuja presença da população negra - pretos e pardos - superam 60%”.

Considerações finais

Os dados levantados a partir da pesquisa realizada no *site* da Radioagência Nacional, entre 25 de maio de 2020 e 25 de maio de 2021, nos permitiram constatar inicialmente a visibilidade da pauta racial nas narrativas da agência. Identificamos, portanto, reportagens publicadas com as cinco palavras-chave: Negro, Racismo, George Floyd, Preconceito e Preto. A maioria dos textos analisados vai além do factual, apresentando discussões e dados de pesquisas sobre as desigualdades sociais entre brancos e negros, a marginalização da população negra e alguns reconhecimentos sobre a importância da cultura afro-brasileira para a formação do Brasil.

As reportagens sobre as temáticas elegidas como importantes, ao menos no período analisado, promoveram a denúncia das disparidades de acesso à saúde e segurança da população negra, sobretudo, pela maior exposição e vitimização diante da Covid-19, como também pela desproteção em relação à truculência policial, componente fundamental do racismo estrutural brasileiro. Ainda que as reportagens problematizem dados importantes sobre a vulnerabilidade social inter-relacionada à raça e, com isso, visibilizem casos de violência evitando que sejam silenciados, ou caiam no esquecimento, é importante refletir a respeito de que, ainda hoje, as narrativas sobre a população negra estão majoritariamente relacionadas a temas e assuntos sobre a violência, o preconceito, e a desproteção do Estado. Como fora citado neste texto, é histórico o silenciamento e a invisibilização da população negra em relação à produção do saber (GONZALEZ, 1984; 1988; CARNEIRO, 2019; NASCIMENTO, 1978) e no reconhecimento e valorização de iniciativas inovadoras de mídia e de comunicação que foram por essa população elaboradas (MOURA, 1994).

No período de análise, a palavra Racismo é a segunda que mais se repete entre as matérias encontradas, como aponta o Quadro 2, o que parece sinalizar que, embora ou-

tras narrativas tenham sido desenvolvidas, elas ainda ganham pouco destaque em relação à abordagem sobre casos de racismo, o que também pode estar relacionado ao período de análise 25 de maio de 2020 e 25 de maio de 2021, que provavelmente, diante da revolta e da manifestação coletiva nacional e mundial, pode ter influenciado o veículo a abordar com maior frequência o tema do racismo, das desigualdades sociais e da violência.

Tais dados nos permitem argumentar que a ausência ou o baixo número de jornalistas negros/as nas redações do Brasil (SANTANA; SALLES, 2017), como apontam os dados das pesquisas sobre mapeamento de perfis de jornalistas brasileiros citadas (LIMA *et al.*, 2022; JORNALISTAS & CIA; PORTAL DOS JORNALISTAS; INSTITUTO CORDA/ I'MAX, 2021), repercutem diretamente na marginalização e na sub-representação da população negra (MOREIRA, 2019). Tal fato pode implicar, também, num duplo movimento: de um lado, no silenciamento em relação a alguns casos de violência e de racismo que mobilizaram intensas manifestações nacionais, mas que não apareceram nos assuntos listados na busca no período de análise; de outro, na ausência de temas que promovam narrativas sobre a população negra para além do lugar da violência e do racismo histórico.

O Quadro 2, por exemplo, possibilita identificar que as editoriais em que mais prevalecem as notícias sobre a pauta racial são a Geral (em primeiro lugar) e a Polícia (em segundo lugar). Acreditamos que tal fato tenha relação direta com o período da pandemia da Covid-19, responsável por aprofundar consideravelmente as desigualdades sociais e de acesso à saúde já vivenciadas no país. Como destacado no decorrer do texto, essas desigualdades afetam de forma mais dura a população preta, pobre e periférica (CARNEIRO, 2019; GOMES, 2020; GONZALEZ, 1984; 1988). Além disso, a grande quantidade de matérias com foco em temas como violência, preconceito e truculência policial pode ser reflexo da onda de fortes protestos que estavam acontecendo em âmbito nacional e mundial, nas redes e nas ruas, por conta de casos de racismo institucional e estrutural que ganharam destaque nos noticiários. Outras e novas histórias sobre a população negra, suas demandas, lutas, resistências, articulações e mobilizações parecem não encontrar espaço nos assuntos cotidianos, ao menos no período de análise.

Reconhecemos que o período de análise implicava num contexto mundial de discussão e de mobilizações, nas redes e nas ruas, sobre as múltiplas nuances e violências do racismo estrutural e institucional (ALMEIDA, 2019) e a truculência das operações policiais contra a população negra em todo o mundo. No entanto, no mesmo contexto mundial, três casos de mortes de crianças negras no Brasil - duas delas por conta de operações policiais violentas em comunidades e favelas no Rio de Janeiro - causaram revolta e comoção que mobilizaram centenas de pessoas numa série de protestos, nas redes e nas ruas, mesmo em

meio à pandemia da Covid-19. Ainda assim, esses casos não foram pautados entre os assuntos mais abordados pela Radioagência Nacional. Isso pode implicar que haveria um certo tipo de silenciamento em relação aos casos nacionais, que também tiveram grande repercussão e geraram mobilizações nas redes e nas ruas, mas que não ganharam tanta visibilidade como o de George Floyd, citado dez vezes no período analisado, assim possivelmente também contribuindo para a sustentação do “mito da democracia racial” (GONZALEZ, 1988; NASCIMENTO, 1978) no Brasil. Além disso, tal situação mostra que aparentemente a mídia tende a se interessar mais por casos internacionais ocorridos na Europa ou nos EUA, ocultando situações tão ou mais cruéis que o caso de George Floyd, com outras pessoas negras, como se no Brasil, por exemplo, o racismo não fosse tão brutal e violento quanto nos EUA.

Referências

- AFROLATINOAMÉRICAEM. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375002/mod_resource/content/0/caderno-de-formação-do-CP_1.pdf. Acesso em: 25 mar. 2020.
- ABREU, Pedro Aguiar Lopes de. **Agências de Notícias do Sul Global: jornalismo, Estado e circulação da informação nas periferias do sistema-mundo**. Tese. Rio de Janeiro, 2018.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- CARDOSO, Lourenço; MULLER, Tânia Mara Pedrosa. **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019. Edição do Kindle.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011. Edição do Kindle.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016.
- DEL BIANCO, Nélia. **Radiodifusão pública e práticas de resistência**. São Paulo, 2021. Lives Catédra Intercom. Disponível em: <https://www.youtube.com/intercomcomunicacao>.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- GOMES, Nilma Lino. A questão racial e o novo coronavírus. In: Friedrich-Ebert-Stiftung - **Trabalho e Justiça Social**. São Paulo: junho, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo brasileiro, Rio de Janeiro, No. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, p. 223-244, 1984.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Estudos Feministas**, Florianópolis, SC, v. 3, n. 2, p. 465, jan. 1995.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Org.). **Atlas da violência 2020**. Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo: IPEA, 2020. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>>. Acesso em: 27 mai. 2021.

JORNALISTAS&CIA; PORTAL DOS JORNALISTAS; INSTITUTO CORDA/ I'MAX (org.). **Perfil Racial da Imprensa Brasileira**. Jonalista & Cia, 2021. Disponível em: <https://www.jornalistasecia.com.br/files/perfilracialdaimprensabrasileira.pdf>. Acessado em: 9 ago. 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Samuel Pantoja. et al. (coord.). **Perfil do jornalista brasileiro 2021**: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: Quorum Comunicação, 2022.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

MOURA, Clovis. Dialética Radical do Brasil Negro. **Estudos Feministas**, São Paulo, n. 2, 1995.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SANTANA, Henrique; SALLES, Iuri. **Por que os negros não apresentam programas de televisão**. Vai da pé, 2017. Disponível em: <http://vaidape.com.br/2017/06/pesquisa-apresentadores-negros-na-televisao/>. Acesso em: 5 mai. 2021.

RADIOAGÊNCIA Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional>.

VARJÃO, Suzana. **Violações de direitos na mídia brasileira**: pesquisa detecta quantidade significativa de violações de direitos e infrações a leis no campo da comunicação de massa. Brasília, DF: ANDI, 2016. 148 p.